

A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no âmbito do político e de suas tramas 1 [Recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A educação no âmbito do político e de suas tramas; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-864-9 DOI 10.22533/at.ed.649192312</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Políticas públicas. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.81</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas” foi pensado de modo que pudesse reunir pesquisas sobre educação de diversas partes do Brasil. Fazendo um apanhado de discussões atualizadas e apresentando um conjunto de resultados e experiências inovadoras, visando contribuir com a educação, sobretudo, no âmbito político e suas tramas.

São 122 artigos divididos em 4 Volumes sendo que, no Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Educação Infantil, Ensino Médio, Educação Superior e Ambiente Virtual de Aprendizagem, totalizando 33 textos inéditos.

O Volume 2, os temas selecionados foram Educação e Inclusão Escolar e Social, Arte e Cultura, Saúde e Educação. São 31 artigos que chamam para um diálogo provocante e construtivo. O índice é um convite a leitura.

O Volume 3, são 29 artigos em torno da temática Interdisciplinaridade e 11 artigos relatando propostas e experiências sobre Administração Escolar.

Fechando esta edição, no Volume 4 trazemos 29 artigos divididos entre as temáticas da Formação Continuada, Formação para a Cidadania, Formação Docente e Leitura e Educação.

Sejam bem-vindos ao e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas”.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAPÍTULO 1 1

A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ARACAJU

Lavinia Vieira Dias Cardoso
Laura Verena Correia Alves
Mariane dos Santos Ferreira
Lorena Lima dos Santos Cardoso
Silviane dos Santos Rocha Nunes
Grasiela Pereira Ferreira
Nuala Catalina Santos Habib
Jéssica Gleice do Nascimento Gois
Gabriela Nascimento dos Santos
Claudia Sordi

DOI 10.22533/at.ed.6491923121

CAPÍTULO 2 9

A GESTÃO ESCOLAR E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Jéssica Dombrowski
Juliane Marschall Morgenstern

DOI 10.22533/at.ed.6491923122

CAPÍTULO 3 20

AS INTERFACES DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NUMA ESCOLA PÚBLICA DE BRAGANÇA, PARÁ

Irani de Almeida Farias
Francisco Pereira de Oliveira
Raul da Silveira Santos
Juliana Patrizia Saldanha de Souza
Neidivaldo Santana Cruz

DOI 10.22533/at.ed.6491923123

CAPÍTULO 4 34

COM-POR EM JOGO: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA-PERFORMER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Roberta Liz de Queiroz Sousa de Deus

DOI 10.22533/at.ed.6491923124

CAPÍTULO 5 44

DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS PREMATUROS: UMA ANÁLISE LONGITUDINAL

Elza Francisca Corrêa Cunha
Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho
Stella Rabello Kappler

DOI 10.22533/at.ed.6491923125

CAPÍTULO 6 52

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adenir Vendrame
Célia Danelichen

Mariza Aparecida Bail
DOI 10.22533/at.ed.6491923126

CAPÍTULO 7 64

“HISTÓRIAS DE UM DICIONÁRIO MALUCO NO JARDIM DE INFÂNCIA”

Maria Filipa Ferreira Borges de Azevedo
Paulo Manuel Miranda Faria
Altina da Silva Ramos

DOI 10.22533/at.ed.6491923127

CAPÍTULO 8 78

INFÂNCIA: CORPO E APRENDIZAGEM

Silvano Severino Dias

DOI 10.22533/at.ed.6491923128

CAPÍTULO 9 87

OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL (IM)POSSIBILIDADES DE AUTORIA DOCENTE

Rosely Santos de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.6491923129

CAPÍTULO 10 97

REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: A VISÃO DOS PAIS DE ALUNOS DE UM CEIM EM SÃO MATEUS, ES

Juscilene Andrade de Oliveira Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.64919231210

ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO 11 111

A REFORMA DO ENSINO MÉDIO: A EVASÃO ESCOLAR E ENSINO TÉCNICO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Suzane Rodrigues da Silva

DOI 10.22533/at.ed.64919231211

CAPÍTULO 12 121

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E A REFORMA DO ENSINO MÉDIO DE 2017: FINANCIAMENTO E MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Renato de Menezes Quintino
Silvia Elena de Lima
Sueli Soares do Santos Batista

DOI 10.22533/at.ed.64919231212

CAPÍTULO 13 133

EFETIVIDADE DO PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS (PROERD) NA INIBIÇÃO DO USO DE DROGAS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE TUBARÃO, SC

João Maurício de Souza Netto
Vilson Leonel

DOI 10.22533/at.ed.64919231213

CAPÍTULO 14 148

ESTATÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA A RESPEITO DA DENGUE

Luí Fellippe da Silva Bellincantta Mollossi
Pamela Paola Leonardo

DOI 10.22533/at.ed.64919231214

CAPÍTULO 15 157

O ENSINO DE CIÊNCIAS NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PECULIARIDADES DE UMA EFA NA CONCEPÇÃO DOS MONITORES

Aleilde Santos Araujo
Davi de Souza Silva

DOI 10.22533/at.ed.64919231215

CAPÍTULO 16 169

O ENSINO DE CIÊNCIAS NO MÉDIO MEARIM: MOMENTO DE (RE) CONSTRUIR

Francisco Nunes Ferraz Filho
Leiliane da Silva Mesquita
Carolina Pereira Aranha

DOI 10.22533/at.ed.64919231216

CAPÍTULO 17 187

PERCEPÇÃO DO ALUNO DO 9º ANO SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA APÓS A REFORMA DO ENSINO MÉDIO

Cristiane Martins Viegas de Oliveira
Thiago Teixeira Pereira
Diego Bezerra de Souza

DOI 10.22533/at.ed.64919231217

EDUCAÇÃO SUPERIOR

CAPÍTULO 18 198

A DIDÁTICA E O ENSINO SUPERIOR

Cristiane Aparecida da Rosa Rossi

DOI 10.22533/at.ed.64919231218

CAPÍTULO 19 207

A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

Gilcéia Damasceno de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.64919231219

CAPÍTULO 20 219

ADAPTAÇÃO DOS PRIMEIROANISTAS À UNIVERSIDADE

Cassandra Catarina Gonçalves Mineiro

DOI 10.22533/at.ed.64919231220

CAPÍTULO 21 233

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA A LUZ DA UNIVERSIDADE DO SÉCULO XXI

Vialana Ester Salatino
Andréia Morés

CAPÍTULO 22 246

ENSINO SUPERIOR E A EDUCAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

[Luiz Clebson de Oliveira Silvano](#)

[Adriana Lúcia Leal da Silva](#)

[Greicy Oliveira Nascimento](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231222

CAPÍTULO 23 256

LAS ALTAS CAPACIDADES INTELECTUALES EN ESPAÑA: ESTADO DE LA CUESTIÓN

[Ramón García-Perales](#)

[Ascensión Palomares Ruiz](#)

[Antonio Cebrián Martínez](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231223

CAPÍTULO 24 270

METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E SUA APLICAÇÃO NUM PROJETO DE MESTRADO NA COSTA AMAZÔNICA BRASILEIRA: MÉTODO E CONCEPÇÕES DE ANÁLISES

[João Plínio Ferreira de Quadros](#)

[Elder José dos Santos Silva](#)

[Raul da Silveira Santos](#)

[Francisco Pereira de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231224

CAPÍTULO 25 283

METODOLOGIAS ATIVAS: MÉTODOS E OBJETIVOS DE ENSINO NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

[Renata dos Anjos Melo](#)

[Maria Luísa Bissoto](#)

[Fernando Jeronimo Neto](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231225

CAPÍTULO 26 292

O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: UMA EXPANSÃO FORÇADA

[Dalmo Dantas Gouveia](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231226

CAPÍTULO 27 302

REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA DE ENSINO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UNEMAT/BARRA DO BUGRES/MT

[Regiane Cristina Custódio](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231227

CAPÍTULO 28 310

TRABALHO DOCENTE: PERSPECTIVAS, CONCEPÇÕES E EPISTEMOLOGIA DA PRÁXIS

[Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues](#)

DOI 10.22533/at.ed.64919231228

AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

CAPÍTULO 29	324
A TUTORIA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA DA UFRGS: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO E INTERAÇÃO ENTRE TUTORES E ALUNOS	
Tais Barbosa Rosane Aragón Franciele Franceschini	
DOI 10.22533/at.ed.64919231229	
CAPÍTULO 30	337
AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA) BASEADO EM HIPERMÍDIA EDUCATIVA PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO NOS PROCESSOS FORMATIVOS	
Ruben Dario Montoya Nanclares	
DOI 10.22533/at.ed.64919231230	
CAPÍTULO 31	348
CURSOS DE NUTRIÇÃO NO BRASIL: VAGAS, PERMANÊNCIA E MODALIDADE EAD	
Karen Hofmann de Oliveira Clevi Elena Rapkiewicz Vanuska Lima da Silva Divair Doneda	
DOI 10.22533/at.ed.64919231231	
CAPÍTULO 32	360
O PROFESSOR ENQUANTO PROFISSIONAL ESPECIALISTA E REFLEXIVO: DESAFIOS E IMPASSES PARA SE CONSTITUIR COMO DOCENTE NA ERA DIGITAL	
Mauricio dos Reis Brasão	
DOI 10.22533/at.ed.64919231232	
CAPÍTULO 33	373
TRANSFORMAÇÕES DIGITAIS: POTENCIALIDADE E SUJEIÇÃO	
Marcelo Micke Doti	
DOI 10.22533/at.ed.64919231233	
SOBRE O ORGANIZADOR	381
ÍNDICE REMISSIVO	382

ADAPTAÇÃO DOS PRIMEIROANISTAS À UNIVERSIDADE

Data de aceite: 02/12/2018

Cassandra Catarina Gonçalves Mineiro

Universidade Estadual de Montes Claros/
UNIMONTES

Montes Claros – Minas Gerais

RESUMO: As questões que envolvem a adaptação acadêmica dos estudantes ingressantes ao Ensino Superior, são hoje pouco investigadas no Brasil, motivo pelo qual fez gerar esta investigação que pretende ser um contributo nesse sentido, tendo como foco de análise as representações dos estudantes, nas dimensões da sua adaptação acadêmica, uma vez que se reconhecem as Universidades como contextos privilegiados de desenvolvimento discente. Logo, o objetivo deste estudo visa compreender as experiências dos estudantes ingressantes, dos cursos de graduação da Universidade, a partir das suas percepções, em que a investigação abrangeu as formas de organização do ensino, trabalho desenvolvido pelos professores/ aprendizagem do estudante, avaliação na universidade, assim como estruturas e serviços do contexto real da universidade, local onde decorre a adaptação dos jovens. Ao abordar a forma de adaptação

dos estudantes ingressantes, a investigação envolveu o ensino superior na universidade pública, os perfis sociodemográficos e averiguação exploratória contextual, que favoreceram conhecer algumas das dificuldades de adaptação dos estudantes, contribuindo na construção deste estudo. A parte empírica deste trabalho, voltada ao principal objetivo desta investigação, permitiu-nos visualizar a realidade na adaptação dos estudantes primeiroanistas conduzindo-nos a propostas direcionadas à adaptação e ao sucesso acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes primeiroanistas, Representações. Adaptação.

ADAPTATION OF PRIERANIST TO UNIVERSITY

ABSTRACT: The issues involving the academic adaptation of students entering Higher Education are currently little investigated in Brazil, which is why it has generated this research that aims to be a contribution in this regard, focusing on the analysis of the students' representations, in the dimensions of their academic adaptation, since the Universities are recognized as privileged contexts of students development. Therefore, the aim of this study is to understand the experiences of freshman students, University

undergraduate courses, from their perceptions, where research covered forms of teaching organization, teacher work/student learning, university assessment, as well as structures and services in the real context of the university, where young people adapt. In addressing the adaptation of new students, the research involved higher education in the public university, sociodemographic profiles and contextual exploratory inquiry, that favored to know some of the difficulties of adaptation of the students, contributing in the construction of this study. The empirical part of this work, focused on the main objective of this investigation, allowed us to visualize the reality in the adaptation of first year students leading us to proposals directed to adaptation and academic success.

KEYWORDS: First year students. Representations. Adaptation.

1 | INTRODUÇÃO

Esse trabalho aborda a problemática da adaptação na universidade do Norte de Minas Gerais mediante pesquisa realizada através de entrevistas e de questionário, pesquisa esta com investigação a 200 estudantes iniciantes de vários cursos da graduação, da licenciatura e do bacharelado. A investigação incidiu sobre os cursos das licenciaturas devido a inquietações destes estudantes, em especial dos primeiroanistas, por apresentarem sua maneira de ver, sentir e perceber o contexto universitário. A metodologia utilizada envolveu o estudo de caso, com as técnicas da entrevista e questionário aplicados em horários combinados, em salas de aulas, após horário das aulas e na sala de pesquisa da Universidade.

A preocupação maior, nesse trabalho, nos fez concentrarmos nos jovens, com quem trabalhamos e iremos trabalhar na Universidade, uma vez que eles são o fermento de nossa sociedade, em todos os fatos e acontecimentos passados e atuais, em que através deles é que surgem as mudanças e alterações sociais, radicais e profundas. E são essas aspirações e expectativas dos jovens, em querer avançar em seus conhecimentos, bem como em rever uma sociedade capitalista como a nossa, é que seu ingresso, bem como o do adulto na universidade constitui uma das visões norteadoras, de maneira a conduzir um estudo de como a universidade apresenta seu contexto acadêmico a essa clientela. Esta investigação pretendeu contribuir no aperfeiçoamento da visão crítica das deficiências estruturais, que muitas vezes transformam o que acontece no presente em problemas futuros (ALMEIDA et al, 2003).

Segundo a LDBEN 9394/96 em seu capítulo IV, Da Educação Superior, art. 43 - “A educação superior tem por finalidade: ...II - formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua”. Seguramente, a LDBEN 9394/96 define sobre as

responsabilidades de formação e de inserção social do jovem estudante, o que conseqüentemente implica uma responsabilidade maior das Instituições de Ensino Superior em favorecer ambiente de adaptação ao estudante. Baseando-nos nessas afirmações da legislação, com estudo voltado ao ensino superior, defendemos a relevância dessa temática, que irá colaborar para um futuro melhor.

Entrar para o ensino superior, ao jovem vindo do ensino médio, representa uma série de mudanças em sua vida de estudante, em um ritmo diferente, no qual terá de contar com suas próprias características de desenvolvimento e com os apoios desse novo contexto. Ao sentir-se fora de casa, e com autonomia (ou não) para responder às exigências sociais dessa nova realidade, faz com que enfrente situações de dificuldades advindas dessa transição. Isso poderá refletir, em alguns estudantes, níveis moderados de *stress* ou, em outros, estados de crise adaptativa. Diante disso, o estudante às vezes se sente "perdido", ao lidar com esse novo contexto acadêmico, em que procura vivenciar cada situação como nova. Nessa mudança estrutural, presumimos recomposições sociais que aos poucos deverão ocorrer. Assim, os mecanismos adaptativos de cada jovem se refletem com diferenciação, ou seja, conforme seu nível de maturidade psicológica.

Essa proposta advém não só da constatação de uma lacuna nessa área, como também de uma trajetória pessoal em buscarmos identificar a realidade vivida pelos estudantes universitários numa visão mais consistente sobre o tema, por meio de suas percepções e representações estudantis, ao verificarmos estar ainda o nosso país com escassez de investigações nessa área. Mediante a representação dos estudantes da educação superior, se tornou possível nos envolvermos com essa temática, como forma de colaborar no desenvolvimento de medidas promotoras de sucesso e para os resultados de uma real inclusão dos estudantes no contexto científico, a fim de que possamos assegurar as condições de desenvolverem competências e habilidades em âmbito acadêmico.

Normalmente, supomos que os estudantes primeiroanistas, dado o nível de desenvolvimento esperado, serão capazes de gerir, por si próprios, os desafios com os quais se deparam. No entanto, os objetivos de desenvolvimento dos estudantes não aparecem devidamente explicitados nas práticas das instituições de ensino superior, mas, sim, em âmbito de desenvolvimento pessoal do estudante, e isso pode ser considerado como um indicador importante em sua adaptação universitária. Ao buscarmos nas representações dos estudantes as dificuldades de adaptação a partir de suas percepções, o que constituiu o principal objetivo desta investigação, ao mesmo tempo procuramos verificar mudanças que poderiam ocorrer para facilitar sua vida estudantil. Desse objetivo principal foram traçados os objetivos específicos, e, para alcançá-los, fomos delineando em: 1. Ensino superior na universidade pública; 2. Perfis sócio-demográficos dos estudantes;

3. Representação da Universidade pelos estudantes; 4. Mudanças que poderiam ocorrer na universidade; 5. Resultados e discussões; 6. Considerações Finais.

2 | ENSINO SUPERIOR NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

O ensino superior na universidade pública vive momentos de grande desafio, recebendo atualmente enorme quantidade e diversidade de alunos. Esse novo público traz outras expectativas e impõem outras exigências à universidade e ao ensino, o que nem sempre é devidamente atendido pelos professores e serviços, exigindo políticas efetivas de igualdade de oportunidades, direcionadas não apenas ao momento do acesso, mas, sobretudo estendendo-se à frequência e ao sucesso acadêmico.

Ferreira, Almeida e Soares (2001), no trabalho sobre a adaptação do estudante do primeiro ano na universidade e no curso frequentado, adotam uma perspectiva desenvolvimentista, que poderá vir a ser enquadrada nas práticas universitárias, tendo em vista, inicialmente, o estudo da influência dos contextos de vida, no desenvolvimento psico-social e no sucesso acadêmico desses jovens. Propõem, como objetivo, analisar as vivências acadêmicas, procurando avaliar as dimensões pessoais, interpessoais e contextuais da adaptação e do sucesso acadêmico. Esses investigadores apresentam em sua discussão:

Em nossa opinião, a educação universitária deve promover o desenvolvimento de competências acadêmicas, cognitivas e pessoais. Estas competências devem ser promovidas através de actividades curriculares e extracurriculares, tendo em vista a preparação dos alunos para a vida activa, considerando as coordenadas histórico-sócio-culturais e geográficas em que vivem (FERREIRA et al, 2001, p. 8).

Além dessa opinião, os autores continuam a evidenciar, nesse mesmo sentido, que a universidade deve encarar o “sucesso acadêmico dos seus estudantes para além dos resultados obtidos em cada disciplina, devendo tomar isso em consideração desde o primeiro ano dos seus cursos” (FERREIRA et al, 2001, p. 8). Esses mesmos autores enfatizam que reduzir o sucesso acadêmico dos estudantes à suas classificações curriculares resulta, muitas vezes, em desenvolver apenas competências nos alunos em reproduzir informação, o que conduz a enfatizar pouco sua preparação para que possam, no futuro, inserirem-se em ambientes profissionais e sociais. Sendo assim, esses autores nos direcionam a iniciarmos com o sóciodemográfico dos estudantes, como base para conhecimento individual e imprescindível na condução de sua formação.

3 | PERFIS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS ESTUDANTES.

Na especificação dos estudantes, quanto ao sexo, evidenciamos uma expressiva presença feminina na maioria dos cursos universitários, refletindo um processo de feminização da população estudantil, fenômeno que vem se avolumando nas universidades brasileiras. A dominância das jovens no conjunto dessa amostra constitui um dos elementos mais marcantes nesse processo de feminização, configurando-se no universo destes estudantes evidente constatação sobre a predominância de 60% das estudantes femininas e de 40% dos estudantes masculinos.

Essa diferenciação pouco aparece ao considerarmos a distribuição segundo a idade, se observarmos uma equiparação entre os dois sexos. No conjunto, verificamos serem alguns rapazes jovens, e outros com representação etária um pouco mais avançada (os dois sexos se distribuem quase que nas mesmas idades, porém os de mais idade são todos do sexo masculino). Talvez possamos ver aqui a existência de diferenciação mais reforçada ao considerarmos, com relação à escolarização, devido ao fato de se articular sexo/idade, de modo a possibilitar o reflexo de trajetórias de sucesso mais acentuada nas jovens estudantes em seu percurso anterior de escolarização, tanto no ensino fundamental como no médio.

Verificamos que, por escala etária, a grande concentração correspondeu às idades de 17 e 18 anos, evidenciando, quanto a esse indicador, presença significativa de uma população de jovens a buscar pelo ensino superior. Um aspecto que certamente não é alheio à maioria que ascende a esse tipo de ensino é a consciência de ter um percurso escolar menos elitista, porém correspondendo ao aumento das oportunidades futuras da vida social, ou seja, a profissão.

Essas dimensões básicas de caracterização sócio-demográfica dos estudantes da licenciatura e do bacharelado, reportadas ao sexo e idade, nos esclarecem sobre o público que temos em nossas universidades, com informações sobre alguns aspectos de suas condições sociais. No entanto, para adequarmos seu significado social, necessário se faz não as considerarmos isoladamente, porém como indicadores, dentro de um sistema de propriedades caracterizadoras (espaço social, posições sociais) de cada indivíduo ou grupo. Para tanto, evidenciamos analisar sobre as habilitações e profissões dos estudantes. Nesta análise das habilitações dos estudantes, pudemos observar que apenas um estudante é habilitado e atuando na profissão. Alguns jovens, mesmo sem habilitação específica, já exercem profissões mais simples, demonstrando, desde cedo, um enfrentamento da seletividade social no acesso profissional e, uma maioria de jovens sem iniciar, ainda, no mercado de trabalho.

Frente a esse postulado, pudemos verificar o início da luta dos jovens

estudantes com desigualdades de recursos, que dão à estrutura do espaço social sua configuração básica, a qual podemos pressupor ainda ser caracterizada pela necessidade de um curso superior que irá favorecer suas condições sociais de existência.

4 | REPRESENTAÇÕES DA UNIVERSIDADE PELOS ESTUDANTES

As representações são formas de conhecimento cotidiano, de senso comum, diferentes do conhecimento científico ou acadêmico. São nomeadas por Moscovici de “teorias, ‘ciências coletivas’ sui generis, destinadas à interpretação e elaboração do real” (MOSCOVICI, 2011, p. 50). E para melhor entendermos, sobre as representações da universidade pelos estudantes, tomamos como referência as variáveis: formas de organização do ensino superior, trabalho desenvolvido pelo professor/aprendizagem do estudante, avaliação na universidade e estruturas e serviços. Essas variáveis permitiu-nos identificar algumas irregularidades, as quais fornecem indicações relevantes, voltadas às práticas pedagógicas, às estruturas e serviços oferecidos pela universidade, a que são submetidos os estudantes, focando também o início de suas trajetórias de vida acadêmica, o que evidenciou como está ocorrendo a adaptação universitária, de acordo ao que se segue.

4.1 Formas de organização do ensino superior

As formas de organização do ensino superior funcionam com base em dois movimentos inter-relacionados: de um lado, a estrutura e a dinâmica organizacional que atuam na produção das ideias, modos de agir, práticas profissionais dos professores; e de outro, os professores são participantes ativos da organização, contribuindo para a definição de objetivos, formulação do projeto pedagógico-curricular, atuação nos processos de gestão e tomadas de decisão. Há, portanto, uma concomitância entre o desenvolvimento profissional e o desenvolvimento organizacional do ensino.

Diante disso, as representações dos estudantes, designando ideias e concepções que fazem sobre essa realidade, demonstraram sua percepção na organização do ensino, considerando a estrutura e a dinâmica organizacional com boa aceitação, pelos estudantes, nos modos de agir e práticas profissionais dos professores. Sendo assim, o predomínio maior das falas dos estudantes incidiu serem as práticas profissionais dos professores voltadas ao ensino organizado em vasto campo de conhecimentos, proporcionando aprendizagens na construção e produção de novos conhecimentos, incluindo a pesquisa e extensão. Nessa perspectiva, importa assinalar que, sendo maioria, os estudantes oriundos de meios sociais menos elevados, tanto culturais como profissionais, a passagem pela

universidade significa uma aquisição elevada de conhecimentos na área científica, que permite conquista de posição social acoplada à possibilidade futura de posição profissional mais qualificada.

“A universidade, além do conhecimento, favorece uma base de qualificação ao estudante, proporcionando-lhe o ingresso nas empresas e, conseqüentemente, o desenvolvimento da região” (afirmação de estudante do primeiro ano do curso de Ciências Contábeis). Essa percepção, particularmente significativa, reflete, em parte, a formação do curso frequentado, em que os estudantes visualizam, no curso, uma preparação para a vida social, em consonância com as formas de organização do ensino e os significados específicos que representam para eles o trabalho e a profissão qualificados.

Enfim, o conjunto de estudantes das licenciaturas e bacharelado, a forma como pensam a organização do ensino, como reinterpretem seu contexto e preveem positivamente seus destinos sociais é uma trajetória que envolve a organização do ensino superior, ou seja, trabalho do professor e aprendizagem do aluno.

4.2 Trabalho desenvolvido pelo professor/aprendizagem do estudante

Nesse início da vida estudantil, conhecer os contextos em que se formam suas opiniões permitiu-nos avaliar a presença e a importância do trabalho realizado pelos professores universitários direcionado à aprendizagem dos estudantes. Conhecer o trabalho dos docentes mediante as opiniões e representações dos estudantes, são tomadas de posição que visam apenas o lado profissional e educacional, comprovando se houve aprendizagem.

Com as perguntas: O que você pensa dos seus professores? O que você pensa dos planos de ensino de seus professores? Como você vê sua aprendizagem? pretendemos identificar e avaliar diferentes níveis de formação e de opinião dos estudantes. Inicialmente, uma maioria dos estudantes elogia os professores, o trabalho que desenvolvem, sua competência e capacidade em transmitir o conteúdo em sala de aula. Mostraram-se satisfeitos por terem como professores: mestres e doutores. Outros estudantes consideram não obterem melhores aprendizagens devido a alguns professores não conseguirem transmitir o conteúdo, não permitindo que aprendam. Afirmam que poucos professores fazem restrição quanto a serem mais humanistas; alguns faltam às aulas; a forma como transmitem o conteúdo é muito técnica; tudo isso dificultando a aprendizagem dos estudantes.

Em Ezcurra (2005):

Así, por un lado algunos expresan juicios notablemente positivos sobre los docentes en su conjunto, cuyo desempeño es muy apreciado. En efecto, manifiestan que los profesores tienen muy buen trato, que facilitan las preguntas y, en general, la participación, que enseñan bien, que se ocupan del aprendizaje (EZCURRA, 2005, p. 128).

Essa autora argentina demonstra, em seu trabalho, a representação de alguns estudantes universitários que são favoráveis ao trabalho docente; porém, nem todos o são. Em nosso meio universitário, ocorre o mesmo, com a representação dos discentes. A maioria elogia o trabalho docente, há os que consideram o professor como formador e outros que afirmam que os professores não se preocupam com sua aprendizagem, o que não deixa de apontar divergência significativa. Mesmo sendo minoria, há estudantes que afirmaram não conhecerem os Planos de Ensino dos professores, para acompanhar o conteúdo ministrado por eles; e outros, além de não conhecerem os Planos de Ensino, não se relacionam bem com eles; o que vem acarretar em prejuízo na aprendizagem. Essas pontuações esclareceram que nem tudo está bem, porém, talvez por receio, por não querer denegrir a imagem dos professores, a maioria, sendo de menor poder aquisitivo, mais preocupada com seu futuro profissional, preferiu somente elogiar o trabalho docente, ao considerar que irão ser avaliados.

4.3 Avaliação na universidade

Sabemos que a avaliação na universidade acontece como processo constante nas atividades, entendida pelos estudantes como cobrança da sua aprendizagem, detenção e compreensão do aprendido, demonstração da sua criatividade e produção. Entendem que ao se submeter à avaliação, eles deverão conjugar sua parte teórica com a parte prática demonstrando seus saberes de acordo ao tipo de avaliação a que se submetem. Considerada dessa forma, os estudantes foram questionados sobre a avaliação com a pergunta: Você está satisfeito com os tipos de avaliação dos professores?

A maioria dos estudantes responderam sim e demonstraram satisfação com as avaliações usadas pelos professores - pontuando que, mesmo sendo rigorosas impulsionam os estudantes a se esforçarem mais e a terem mais responsabilidade, o que irá levá-los a melhorarem nos estudos. Afirmaram que os professores possuem diferentes formas de avaliar, oferecendo mais oportunidades em poder demonstrarem o que aprenderam. São tipos diferentes, porém, comuns: provas, avaliações individuais e grupais, seminários, conceitos a serem elaborados, pesquisas e produções, e questões de ordem prática sem envolver perguntas e respostas. Ao analisar essas falas e de acordo com as avaliações realizadas pelos estudantes, reportamo-nos a entender junto a afirmativa da Chueiri (2008), que a função da avaliação, como concepção classificatória, como instrumento de uma unidade de estudos, semestre ou ano letivo, é a de verificar se realmente houve aquisição de conhecimento pelo estudante. Diante dessa lógica, a posição do educador se direciona na coragem em assumir sua própria titularidade e autonomia, ao definir o que vale em avaliação.

Baseando-nos na afirmativa da autora e nas falas dos estudantes percebemos que as avaliações ainda se realizam, em sua maioria, como instrumento de classificação e regulação do desempenho do acadêmico, ainda com pouco alcance da concepção qualitativa. Tudo indica que, segundo Mendes (2005), o diálogo, na metodologia do trabalho é condição fundamental, no sentido de melhoras, em que professores e estudantes devem, além de registrarem suas observações e impressões quanto a avaliação, deverão expô-las, no sentido de indicar propostas ou ajustes, a fim de sanar as dificuldades detectadas. E, em se tratando de avaliação, os estudantes deverão contar com a estrutura de apoio universitário.

4.4 Estrutura de apoio universitário na representação dos estudantes

Ao nos referirmos à estrutura de apoio universitário, consideramos os espaços de convívio dos estudantes, ou seja, a utilização da biblioteca, internet e laboratórios da universidade, possibilitando conhecer, através da representação dos estudantes, a atuação desses serviços. Nessa medida, tentamos averiguar, mediante uma análise integrada dessas variáveis, o posicionamento dos estudantes da licenciatura e bacharelado em relação à realidade percebida por eles.

4.4.1 Biblioteca da universidade

No que diz respeito a suas representações e valores, com relação à biblioteca, 20% dos estudantes mostraram aspectos positivos, afirmando ser a biblioteca ótima, organizada e com praticidade ao usuário, sendo informatizada e é o local que mais admiram. *“Prédio confortável, encontro tudo lá e estou muito satisfeita”* (fala da estudante do curso de Letras/Português).

Nessa mesma representação, houve a apresentação de um resultado que se contrapõe ao anterior, com uma amostra representativa de 80% de estudantes insatisfeitos com a biblioteca, afirmando ser muito carente, com poucos livros para muitos estudantes, sendo necessário fotocopiar os livros. Além do mais afirmam que a biblioteca não possui livros atualizados em quantidade suficiente para atender a demanda; os atualizados são poucos e, sendo poucos, são também utilizados por vários cursos.

Em relação a essa afirmativa, consideramos esclarecedor buscar no Regimento Geral da Universidade, no Art. 44, “Compete à Diretoria de Documentação e Informações: ...II. Planejar, organizar, coordenar e controlar o desempenho da Biblioteca e serviços subordinados”(p.12).

Diante desse artigo, percebemos estar essa legislação em desacordo com a realidade constatada, suscitando a preocupação com esse tipo de questão, por parte da maioria dos estudantes, à margem do aproveitamento da biblioteca, ocasionando

quebra do princípio da igualdade de oportunidades aos estudantes, entendendo que as diferenças de qualificação iniciam aqui, mediante o poder aquisitivo de alguns acadêmicos, na compra de livros. A maioria não detém esse poder, mas, em se tratando de instituição pública, pareceu-nos constituir um princípio secundário, ainda que importante ao ser oferecido a esse tipo de população.

4.4.2 *Internet e laboratórios da universidade*

Quanto à utilização da internet na universidade, 40% dos usuários manifestaram-se satisfeitos em poder utilizar a internet, disponibilizada aos estudantes que já possuem seu próprio *notebook*. Há 35% de estudantes que declararam haver utilizado somente uma vez o laboratório de informática, por serem poucos os computadores do laboratório, afirmando ainda ser lenta a internet, por isso poucos retornam; e outros 23% estudantes não conseguiram obter acesso à internet; também há os 2% de estudantes que não usam, não sabem usar, mas sabem que é necessário fazer o curso básico de computação.

O não funcionamento dos laboratórios, específicos para cada curso, ocasionou também insatisfação aos estudantes, afirmando faltar materiais, não há manutenção nos equipamentos existentes e, mesmo assim, alguns deles ainda funcionam precariamente.

Esse conjunto de dados, tão expressivos, justificam o fato de os jovens se sentirem prejudicados, por não poderem usar os computadores, com conexão à internet, uma vez que a universidade oferece quantidade insuficiente. Um agravante ainda maior consiste no fato de 2% dos estudantes não saberem usar o computador, com pretensão a fazer um curso de computação. Isso configura uma trajetória educacional estacionária, não somente dos que não sabem, mas também há o agravante dos 58% que sabem, porém são impedidos de fazerem o uso virtual, por serem poucos os computadores existentes nos laboratórios de informática da universidade.

Diante do exposto, busca-se respaldo na legislação específica da Instituição, mediante o Estatuto da Universidade, Art. 4º - “Para consecução de sua finalidade, a Universidade tem como objetivos: ... III. Incentivar a comunidade no desenvolvimento da pesquisa e da produção científica;”(p. 2).

Primeiramente vamos entender que dessa comunidade os discentes fazem parte, e são orientados na realização de pesquisas, com produções; sendo um dos quesitos fundamentais da pesquisa a utilização da internet e do laboratório. Esse Estatuto, valorizando a pesquisa e a produção, em um sistema sensível aos problemas sociais, tende a concordar com o critério de justiça social, que pretende, ainda, valorizar a atuação dos discentes, porém lhes oferece pouco suporte *on-line*

e laboratorial, para o desenvolvimento na pesquisa, criação e produção, em âmbito universitário. Diante disso, evidencia-se que possam ocorrer mudanças, mas quais?

5 | MUDANÇAS QUE PODERIAM OCORRER NA UNIVERSIDADE

As primeiras mudanças que poderiam ocorrer, conforme a representação dos estudantes, seria na parte de relacionamento docentes/discentes. Os estudantes opinaram que deveria haver mais interação, entre eles e os professores, para que não haja interferência na aprendizagem. Também nas falas dos estudantes percebemos que as avaliações, em sua maioria, se realizam como instrumento de classificação e regulação do desempenho do acadêmico, ainda com pouco alcance da concepção qualitativa.

Em se tratando ainda de mudanças que poderiam ocorrer, a maioria dos estudantes apontou a necessidade de aquisição de mais livros para a Biblioteca, de acesso à Internet, de manutenção dos laboratórios, e de maior divulgação, por meio dos professores, dos projetos de pesquisa, para que possam participar mais. Ao retomarem essas possibilidades, o presente trabalho dá-nos indicações das maiores porcentagens de insatisfação acadêmica que se apresentam em dois itens: um com 80 % em relação à biblioteca; outro relativo à internet e laboratórios, com 60%.

Durante a realização da pesquisa, percebemos certa timidez na maioria dos estudantes, talvez por sua origem, com receio de usarem sua representação e se prejudicarem no futuro, uma vez que a universidade, para eles, representa um grande avanço em seu futuro profissional. Contudo, observamos que a maioria desses estudantes demonstraram formas desejáveis de organização social, em que as oportunidades de vida e o reconhecimento social não sejam determinados por diferenças de condição social, mas, sim, por igualdade de oportunidades. Isso favorece a verificar resultados e discussões.

6 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Além de um nível de exigência acadêmica com o qual não estavam acostumados, os participantes desta pesquisa não descreveram estas experiências, em geral, como situações com as quais não conseguissem lidar ou tolerar, embora tenham sido referidos sentimentos de solidão, de insatisfação com alguns professores, e com o não funcionamento dos serviços da universidade. Assim sendo, as experiências relatadas parecem refletir, em seu conjunto, um leque de possibilidades que são mais ou menos comuns à maioria dos estudantes universitários, em que observamos ser o ingresso na universidade composto de uma série de mudanças de caráter mais

pessoal aos estudantes.

De um modo geral, os resultados deste estudo indicam que a adaptação à universidade entre primeiroanistas depende de muitos fatores, sendo que alguns deles não estão ligados diretamente ao contexto acadêmico, como o fato de o estudante morar com a família ou não. Apesar disso, o contexto universitário tem um papel importante a desempenhar no processo de adaptação à universidade. É essencial, no início do curso, além de prover informações de qualidade aos ingressantes relativas à vida acadêmica, dar também apoio efetivo através de um setor que possa proporcionar ao aluno usufruir corretamente, e sem dificuldades, dos benefícios que a universidade oferece, especialmente nas primeiras semanas, após o ingresso (por exemplo: apoio psicológico, obtenção de documentos, procedimentos de matrícula, uso de bibliotecas, restaurante universitário, localização das unidades e serviços, normas da instituição, etc).

Os resultados e discussões aqui apresentados nos mostraram, na representação e percepção dos estudantes, algumas das dificuldades de adaptação. Por serem iniciantes e jovens, com maioria feminina, notadamente de origens sociais mais carentes, confirmam que, apesar de tudo, ainda há luta por uma adaptação na universidade.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarmos o quadro geral deste artigo, as principais representações apontadas pelos estudantes da licenciatura e bacharelado sinalizaram para uma realidade que, ao lutar se consegue a adaptação na universidade, uma vez que vale a pena registrar ser a maioria de estudantes jovens em idade e quase toda ela feminina, pressupondo estarem saindo do ensino médio e ingressando em um ambiente diferente, porém promissor.

Por ser essa pesquisa limitada a alguns cursos, não nos permitiu poder caracterizar situações de pré-abandono de curso. De toda forma, novas pesquisas são necessárias para explorar de modo mais aprofundado esse aspecto, como também os aspectos envolvidos na adaptação à universidade evidenciados neste estudo. O fato da maioria dos entrevistados não haver relatado insatisfação ou dificuldades acentuadas, talvez numa próxima pesquisa criem coragem, mesmo sendo de origem carente, mas sua fala irá melhorar o ambiente a outros estudantes que virão, sabendo que o ingresso na universidade é o início de ascensão social. Contudo, é muito provável que existam situações de desadaptação severa entre os estudantes, requerendo futuros estudos que poderão buscar descrever a severidade de alguns problemas de adaptação que porventura existam, tais como: depressão, solidão, stress entre outros, buscando compreender aspectos específicos, pessoais

e contextuais, que venham a dificultar adaptação à universidade.

De uma maneira geral, os pontos negativos apresentados, tanto os que se referem à instituição, como aos professores, a avaliação e serviços acadêmicos, mesmo se tratando de minoria, são inferenciais, pois descrevem autopercepções de realidades pessoais, e que deverão ser consideradas, independentemente das características de cada estudante, considerando que algumas variáveis do contexto acadêmico são suficientemente importantes por si próprias.

Em particular, esses resultados nos trazem alguns elementos inovadores, contestando a idéia de que nem tudo estaria transcorrendo da melhor forma possível, o que nos leva a ir mais além, em querer propor, através deste estudo, alternativas, ações e/ou estratégias com participação de representantes docentes/discentes. Há que considerarmos que, em outras universidades, já existe o “Atendimento Psicossocial” (FERREIRA, ALMEIDA e SOARES, 2001) aos estudantes iniciantes, como medida promotora de sucesso, visando mais especificamente à adaptação e apoio aos jovens ingressantes e às suas necessidades acadêmicas iniciais. Nessa perspectiva, situamos o direcionar alternativas, ações e/ou estratégias com participação de representantes acadêmicos, no intuito de elaborar planos, programas e/ou projetos em colaboração com um grupo de professores, priorizando as necessidades mais prementes, evocadas pelas representações dos discentes iniciantes. Diante disso, ao organizarmos um trabalho universitário, devemos ter, como ponto de partida, o atendimento aos discentes iniciantes o que irá favorecer o crescimento, sucesso e adaptação dos estudantes primeiroanistas.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, João F. et al (org.), *Diversidade na Universidade: um inquérito aos estudantes de licenciatura*. Oeiras: Celta Editora, 2003. 266 p.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

CHUEIRI, Mary Stela F. *Concepções sobre Avaliação Escolar*. Estudos em Avaliação Educacional. Belo Horizonte-MG, v.19, n. 39, jun/abr, 2008, Disponível em: <<http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/AVALIACAO.pdf>> Acesso em 19 out. 2014.

Estatuto. *Legislação da Universidade*. Disponível na Coordenação de Cursos do CCH – Campus sede da UNIMONTES – Montes Claros – MG, 2004.

EZCURRA, Ana M. Diagnóstico preliminar de las dificultades de los alumnos de primer ingreso a la educación superior. *Perfiles educativos*. Buenos Aires: Editorial-IDEAS, XXVII, 107, 118-13, 26 out. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/peredu/v27n107/n107a06.pdf>> Acesso em 22 abr. 2013.

FERREIRA, Joaquim A.; ALMEIDA, Leandro S. & SOARES, Ana P. *Adaptação Acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso*. PsicoUSF, v. 6, n. 1. Jan/

Mar 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/12082>> Acesso em 15 mar. 2014.

MENDES, Olenir M. Avaliação Formativa no Ensino Superior: reflexões e alternativas possíveis. In: VEIGA, Ilma P. A. e NAVES, Marisa L. P.(org.) Currículo e avaliação na educação superior. São Paulo: Junqueira & Marin, 2005. p. 180-200

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em Psicologia Social. Brasil: Vozes (trad. Pedrinho A. Guareschi) 2011. 404 p.

Regimento Geral. *Legislação da Universidade*. Disponível na Coordenação de Cursos do CCH – Campus sede – Montes Claros – MG, (Aprovado em 20/12/1999).

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME - Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias. Coordenador Substituto do Curso de Pedagogia. Representante Docente no Conselho Diretor. Membro do Comitê Interno de Assessoramento do Programa Institucional de Iniciação Científica/UFT. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia” e membro do Grupo “Laboratório de Formação de professores e práticas dialógicas na Educação- Lapedi - UFT”. Tem Pós-Doutorado em Educação, 2018 (FACED/UFU). Doutor em Educação, 2016 (UNESP/Marília). Mestre em Educação, 2010 (FACED/UFU). Graduado em História, 2007, Bacharelado e Licenciatura (UFU), Bolsista IC/CNPq (08/2004 a 08/2007) integrando ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação (NEPHE/FACED/ UFU). Graduado em Pedagogia, 2013, Licenciatura, pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Durante o mestrado, foi bolsista CAPES; Secretário da Revista Cadernos de História da Educação (NEPHE/FACED/UFU); representante Discente no Conselho da Faculdade de Educação (CONFACED); representante Discente nos Conselhos Superiores: CONSUN (Conselho Universitário) e CONPEP (Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação); membro do CONAD (Conselho de Administração do Hospital de Clínicas da UFU); membro da CPAUFU (Comissão Própria de Avaliação da Universidade Federal de Uberlândia); membro da Comissão de Revisão do Estatuto e do Regimento Geral da UFU; eleito Coordenador Geral da APG-UFU (Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia) biênio 2008/2009. Desenvolve pesquisa na busca, identificação e catalogação de fontes primárias para a História da Educação como jornais, periódicos, atas, imprensa, leis, relatos, levantamento de acervos públicos e particulares, entre outros, tendo como foco a História Local e a História das Instituições Escolares, assim como efetiva participação em cursos de Especialização (lato sensu) voltados para a formação de professores com foco na gestão, organização, planejamento, orientação e avaliação na Educação Básica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação Pedagógica 20, 22, 40, 282, 333, 370

Adaptação 6, 127, 166, 176, 219, 220, 221, 222, 224, 230, 231, 249, 300

Aprendizagem 2, 3, 4, 5, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 36, 37, 43, 46, 49, 54, 66, 68, 70, 76, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 99, 100, 102, 105, 109, 110, 117, 119, 155, 163, 171, 179, 180, 202, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 224, 225, 226, 229, 233, 234, 235, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 283, 284, 285, 286, 287, 290, 307, 308, 312, 313, 315, 316, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 340, 341, 342, 344, 345, 346, 350, 352, 356, 361, 362, 364, 368, 371

Avaliação 4, 8, 14, 44, 46, 49, 50, 51, 55, 62, 126, 130, 139, 140, 180, 203, 206, 213, 214, 219, 224, 226, 227, 231, 232, 233, 234, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 248, 268, 269, 291, 295, 301, 312, 319, 331, 335, 349, 350, 352, 355, 381

C

Campos de Experiências 87, 88, 89, 90, 92

Consciência Fonológica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

Corpo 25, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 100, 159, 167, 182, 189, 190, 195, 306, 351, 376

Crianças 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 124, 134, 160, 165, 181, 320, 362, 369, 371

D

Desenvolvimento 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 13, 17, 21, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 76, 78, 82, 83, 84, 85, 89, 90, 91, 92, 94, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 108, 109, 110, 113, 114, 117, 119, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 139, 149, 150, 158, 160, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 176, 178, 179, 180, 188, 189, 198, 199, 201, 202, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 228, 229, 236, 240, 241, 242, 247, 248, 249, 253, 273, 283, 286, 290, 294, 310, 311, 312, 314, 315, 317, 320, 321, 324, 327, 328, 330, 334, 335, 338, 339, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 350, 351, 360, 366, 368, 371, 375

Desenvolvimento humano 97, 139, 164, 345

Desenvolvimento profissional docente 64, 66, 67, 68, 76

Didática 25, 28, 148, 149, 150, 151, 155, 168, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 244, 251, 292, 307, 308, 340, 362

Digital 64, 65, 68, 75, 76, 249, 250, 329, 336, 346, 360, 365, 373, 374, 375

Docência universitária 207, 208, 209, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218

Docente universitário 199, 207, 208, 209, 213

E

Educação Física 35, 174, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 286

Educação Infantil 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 63, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 108, 109, 110, 126, 134, 156, 181, 323, 326

Educação Matemática 148, 156

Educação Profissional e Tecnológica 121

Ensino de Ciências 148, 149, 157, 159, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 180, 181, 182, 184, 185, 186

Ensino de Estatística 148, 150, 155

Ensino Médio 14, 23, 100, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 140, 143, 148, 149, 150, 151, 156, 173, 175, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 221, 230, 291, 295, 297, 298, 299

Ensino superior 24, 115, 123, 124, 126, 127, 128, 131, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 232, 233, 235, 243, 244, 246, 248, 284, 286, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 305, 308, 326, 350, 355

Ensino Técnico 111, 112, 119, 121, 126

Escola Família Agrícola 157, 158, 168

Escola Pública 1, 20, 32, 33, 43, 140, 149, 151, 177, 322, 372

Escolas públicas 21, 22, 116, 117, 119, 131, 134, 135, 136, 169, 170, 171, 172, 298, 326

Estudantes primeiroanistas 219, 221, 231

Evasão Escolar 111, 112, 113, 115, 118, 127

F

Família 1, 14, 17, 18, 22, 30, 31, 46, 57, 61, 62, 75, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 110, 133, 139, 144, 152, 157, 158, 160, 164, 168, 230, 295

Finanças 52, 54, 56

Fonoaudiologia 1, 2, 5, 7, 8, 50

Formação profissional 64, 65, 68, 116, 123, 130, 160, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 217, 290, 318, 361, 368

G

Gestão escolar 9, 10, 11, 12, 16, 18, 32, 326

I

Infância 2, 12, 22, 23, 24, 33, 35, 40, 52, 54, 64, 65, 69, 70, 74, 78, 79, 82, 84, 86, 94, 97, 99, 126, 134, 156, 162, 177

Intus Forma 52, 53, 55, 63

J

Jogo 6, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 95, 190, 377, 379

L

Leitura 3, 4, 5, 7, 8, 64, 68, 69, 87, 88, 101, 102, 174, 175, 211, 303, 311, 317, 321, 329, 356, 364, 370

M

Médio Mearim-MA 169

Mercantilização da educação 121, 127, 130, 131, 132, 311

O

Oralidade 62, 64, 69

P

Percepção 2, 60, 61, 78, 81, 84, 85, 86, 139, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 197, 224, 225, 230, 252, 282, 314, 374

Pio XII-MA 157, 158, 159, 160, 168, 172, 177

Política educacional 17, 112, 117, 118, 121, 124, 132

Políticas educacionais 9, 95, 125, 126, 129, 130, 132, 318

Práticas Educativas 9, 198, 328, 330, 338, 339

Práticas Pedagógicas 21, 23, 26, 69, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 96, 224, 243, 290, 303, 306, 333, 334, 345, 346, 355, 366

Prematuro 44, 45

Professores de Educação Infantil 87

Professor-performer 34, 39, 41

R

Reforma do Ensino Médio 111, 113, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 187, 188, 189, 192

Reformas educacionais 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 312

Representações 120, 155, 219, 221, 224, 225, 227, 230, 231, 232

S

São Roberto-MA 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 181, 182, 184, 185

Satubinha-MA 169, 170, 171, 172, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 185

Sequência Didática 148, 149, 150, 151, 155

V

Vocabulário 3, 4, 64

